

# Crise geral no ensino deixa poucas opções

A queda de qualidade flagrada, nas últimas décadas, no ensino público não é o único motivo para a acirrada procura por uma nata de escolas particulares. De fato, em número muito maior, as escolas públicas — são quase 200 mil no país, entre federais, estaduais e municipais, para apenas 11 mil particulares — poderiam satisfazer quantidade razoável de alunos se oferecessem mais qualidade. Mas alguns educadores lembram que isso não deve levar a uma idolatria do ensino privado. Para eles, a crise do ensino é geral.

“Chegamos ao fundo do poço”, alarma-se a professora Zaia Brandão, dos cursos de pós-graduação em Educação da PUC e da UFRJ. “Sobram algumas poucas escolas boas, sejam públicas ou privadas. Para quem tem um certo capital cultural não há quase opções”. Para ela, assim como restaram entre as escolas públicas do Rio apenas duas de qualidade — o Colégio de Aplicação da Uerj e o Colégio Pedro II —, entre as particulares poucas se destacam e é isso que contribui para a corrida aos concursos. “Deve haver no Rio dez escolas boas, no máximo”, contabiliza.

Zaia considera os vestibulinhos uma fatalidade. “Eles se tornam necessários para a sobrevivência intelectual de determinadas crianças. Se elas não forem para os bons colégios estarão em descompasso com outras de seu convívio porque a diferença entre as escolas é muito gritante”. Por boa escola entenda-se, segundo Zaia, aquelas em que não faltam professores e estes, além disso, são recrutados entre os melhores. “Num pa-

norama de decadência, as garantias mínimas que estas escolas oferecem acabam se sobressaindo”, explica. “E já que os pais vão pagar, acabam querendo pagar por algo que valha a pena”.

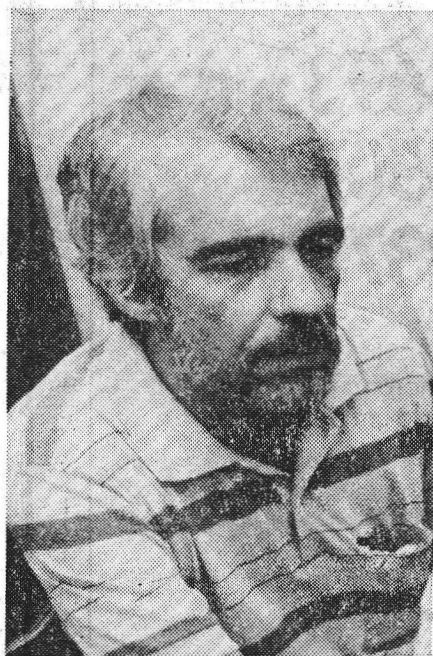
Para o pesquisador titular do Laboratório Nacional de Computação Científica na área de Educação, Sérgio Costa Ribeiro, os concursos são uma “solução desesperada” e sinalizam problemas no sistema de ensino. “Os concursos não chegam a ser negativos, mas é importante reparar que eles não são uma escolha, são fruto de uma opressão do sistema”, analisa. Sérgio lembra, ainda, que a situação agrava-se não só com a não expansão das escolas particulares como com o fechamento de algumas delas. “Durante a década de 70, abrir escolas dava lucro. Agora, o *over* dá ainda mais”, ironiza.



**Zaia Brandão: não há opções**

É nesse panorama que cresce o mercado para os professores particulares. Eliane Zacarias, professora do estado, há 25 anos e há 12 dando aulas em casa, tem alunos para ocupar 11 horas de seus dias, de segunda a quinta-feira, cobrando em torno de NCz\$ 50 a hora. Prepara alunos para concursos à 1ª e 5ª séries, principalmente.

Eliane recebe muitos alunos que consideram imaturos para enfrentar o concurso e seu papel acaba sendo o de convencer os pais a aguardarem um ano mais. Mas ela considera “bem razoável” o programa pedido pelas escolas. “Os alunos têm que ler desembarradamente, dar respostas completas por escrito às questões e não errar no ditado”, exemplifica. “No meu tempo de professora, era comum as crianças saberem isso na escola pública. Hoje, a coisa mudou”. (E.B.)



**Sérgio Ribeiro: há opressão**